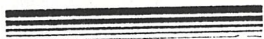


A MÚSICA

Devemos ou não devemos acreditar em sonhos?



Poderíamos escrever volumes sôbre os efeitos salu-
tares da música se a tanto nos ajudassem o engenho e
arte. Não nos propomos, porém, fazê-lo porque, ainda
que nos sobejassem o engenho e a arte, nos faltariam o
tempo e o espaço de que podemos dispôr nestas poucas
linhas de introdução à entrevista que fizemos, há dias,
com o sr. Alberto Pereira, hábil regente da Sociedade
Filarmónica Maçaense.

Limitemo-nos, pois, a transcrever a opinião de dois
grandes escritores sôbre a música.



Alberto da Silva Pereira

Um, Vitor Hugo, disse que *a música é o verbo do futuro*.

Não vamos pensar que no ano 3000 hão-de os ho-
mens pôr de parte o seu actual meio de se exprimirem
e hão-de passar a usar da música para êsse fim; que
hão-de utilizar o fado da Severa para exprimir o desa-
lento, a «Marcha Nupcial», de Mendelssohn, para as
felicitações de casamento; o «bolero» ou as «sevilhanas»,
para manifestar a alegria por ter apanhado a sorte
grande ou ter morrido a sogra; ou a «Marcha fúnebre»,
de Chopin», para manifestar condolência — que quâsi
nunca se sente — numa visita de pêsame.

Não devemos pensar isso, embora já hoje chamemos
música celestial às promessas miríficas que não se cum-
prem e esteja cada vez em mais voga utilizar-se a *rabeca*,
mais ou menos em surdina, quando se quer atacar
alguém.

Não pensemos isso. Pensemos só que Vitor Hugo
era um grande poeta e quiz revelar assim a sua grande
admiração por essa arte incomparável, o verdadeiro
esperanto da alma; mais ainda do que *esperanto* porque

o mais bronco dos analfabetos se pode comover ouvindo-a.

Outro escritor, Mantegazza, escreveu que *é com a música que o rouxinol e o grilo, o cisne e a águia fazem a sua declaração de amor*.

Esta frase dá-nos mais nítida a idea da influência salutar da música, pois faz dela um instrumento ao serviço do amor.

Nem era preciso recorrer a Mantegazza para darmos a idea da influência da música sôbre os animais.

Há anos, há muitos anos já, representou-se em Mação, no saúdoso e simpático teatrinho da Rua Nova a opereta «Borboleta Escarlata».

Deixem-me deter um pouco na saüdade com que eu, actor também nessa opereta, evoco os *colegas* que já morreram — Jerónimo Serrano no «Imperador Kakau 37», José António no «Primeiro Ministro», etc., e evoco também — com a mesma saüdade com que os velhos actores hoje podem recordar o *Príncipe Real* ou o *Rua dos Condes* — aquele simpático teatrinho da Rua Nova, com as suas frizas, camarotes e galerias, o seu pano com a vista de Mação, que ainda vive no teatro novo, e o seu ambiente acolhedor.

Pois, na «Borboleta Escarlata», o *Primeiro Ministro* cantava, a certa altura, o seguinte:

O leão é sensível à música

Ó se é! Ó se é!

Dá-lhe o tigre atenção e bastante

Ó se dá! Ó se dá!

Quem fazia o papel, como disse já, era o falecido José António, José António Bebiano de Matos Coelho, contador da também falecida Comarca, igualmente de saúdosa memória, José António, que sabia manter o aprumo devido à sua ascendência nobre, era já, nesse tempo, um homem de 60 anos, pouco mais ou menos, mas os novos encontravam-no sempre no primeiro plano, cheio de entusiasmo, quere na organização de bailes, em que êle era o insubstituível marcador das ceremoniosas *quadrilhas*, quere na realização de récitas, em que frequentemente colaborava como actor.

É legítimo ter saüdade dêsses tempos, dessas récitas em que se revelavam autênticos valores e dêsses bailes em que se *guardavam... as distâncias*.

Pois, José António, que tinha qualidades, tinha também, como toda a gente, defeitos.

Dois deles, eram a gaguez e uma notável falta de ouvido. De forma que, ao cantar aqueles versos — era

sabido — prendia-se no O' do O' se é! O'... O'... O'...
O'...

E estou a ver Francisco Serrano, que regia, atrapalhadíssimo para fazer também gaguejar a orquestra. Bellos tempos!

Diz-se que *para cantar um gago*, mas com José António não se verificava o rifão.

Isto veio a propósito...? Ah!... Veiu a propósito da influência que a música exerce sobre os animais.

Ora, se a música exerce influência assim sobre os irracionais, quem pode duvidar de que a exerça também sobre os racionais?

Mas, agora me recordo de que o assunto principal d'este artigo tem que ser a entrevista com o Sr. Alberto Pereira.

Deixo, pois, as restantes considerações que me propunha fazer para o fecho da entrevista se para isso sobejar tempo.

Se não sobejar, ficarão para outro número.

* * *

O sr. Alberto da Silva Pereira é alfacinha autêntico, nascido na freguesia de Santo Estêvão.

É sargento músico reformado da Armada, tendo feito a sua aprendizagem musical na Academia Recreio Musical do Pessoal do Comando Geral de Artilharia que mais tarde veio a reger durante 6 anos.

Tendo regressado ao serviço, foi ao Rio de Janeiro, visitou todos os portos da nossa África Ocidental e Oriental e, voltando à Metrópole, regeu durante algum tempo a banda de Cezimbra, passando em 1921 a reger a de Mafra.

Como podem verificar, pela data em que iniciou essa regência, o sr. Pereira não era o regente da banda de Mafra quando ela foi cumprimentar o Governo Provisório e foi corrida à batata no Rossio, em desforço da hostilidade com que em Mafra tinham sido recebidos os caudilhos da propaganda republicana, o que deu a Chaby assunto para um dos mais desopilantes papeis da sua formidável galeria.

Regeu o sr. Pereira a banda de Mafra de 1921 a 1926 e de 1927 a 1932, tendo vindo em 7 de Fevereiro de 1933 para Mação, onde a acção da sua regência competente e disciplinadora se tem feito sentir proveitosamente.

Faço-lhe a primeira pergunta:

— Os rapazes têm vocação?

O sr. Alberto Pereira responde sem hesitações, com convicção:

— Sim. Os rapazes de Mação têm uma vocação marcada para a música. São bons elementos de que se pode

tirar muito, com trabalho bem orientado e espirito disciplinador.

Porque a verdade é que a falta de disciplina era mal que ia lavrando, certamente devido não a falta de competência dos regentes anteriores mas a não ter havido da parte deles maior acção disciplinadora.

— Em seu entender, quais são os benefícios que resultam duma filarmónica? — pergunto.

— São muitos — responde o Sr. Pereira — os benefícios a esperar duma filarmónica com boa organização, com bom instrumental e com disciplina.

Para Mação, além dos concertos que a banda realiza com frequência, resulta o benefício de poder abrilhantar as suas festas por um preço inferior ao que lhe fixaria uma banda de fora e o benefício também de ficar cá esse dinheiro e de vir para cá o que a filarmónica vai ganhar fora. Para os executantes, além da sua participação na receita das festas, resulta o benefício bem mais importante de os desviar da taberna e de outros passa-tempos com os quais só têm a perder física e moralmente. Agora, já os prendo com ensaios 3 ou 4 noites por semana e espero poder fazê-lo todas as noites. São já 30 rapazes — e espero que virão a ser 37 — que assim estão, tanto quanto possível, defendidos física e moralmente durante aquele tempo. Só isto, a meu ver, já justificaria os sacrifícios feitos e a fazer para que a nossa banda se mantenha e aperfeiçoe.

Penho mais uma pergunta:

— Quais são as suas aspirações no aperfeiçoamento da banda?

— Como já disse — responde o entrevistado — uma das minhas aspirações é ver o número de executantes elevado a 37. Já tenho preparado o pessoal indispensável, pois há 8 aprendizes que já podiam estar à estante e que não estão por falta de instrumentos. Vou-os ocupando no solfejo. Eles não perdem por isso mas a banda já está perdendo por não estar completa. Para a completar precisava, pelo menos, de 6 novos instrumentos: 4 clarinetes, um saxofone-tenor e um saxofone-baritono. Uma despesa de 4.000\$00, que não me parece sacrificio demasiado para uma terra como Mação, tendo em vista a vocação musical dos rapazes e os benefícios grandes que da filarmónica resultam. Outras aspirações são a duma sede, com a sua biblioteca e a organização dum grupo dramático, que, além da sua função educativa, teria também a de poder contribuir, para atenuar as dificuldades financeiras da Sociedade.

* * *

Foi isto o que me disse o sr. Alberto da Silva Pereira. E não foi pouco.

CALDAS DA FELGUEIRA

As primeiras águas portuguesas na cura da bronquite crónica. Únicas nas doenças de coração. As de maior radioactividade.

O balneário é servido pela estação de Canas (Beira Alta) e por automóveis sendo, contudo, conveniente prevenir o Sr. António Marques — Grande Hotel Club.

Aurélio Mendes Guimarães

Médico-Cirurgião

Delegado de Saúde

Clínica geral-Consultas das 10 às 11
MAÇÃO

António da Silva

Lagar de azeite, casa de sôbro, cortiça e carvão vegetal.

Quinta do Serrado
BARQUINHA

Ao deixar o hábil regente da Filarmónica, um sonho me ficou enchendo o espirito.

Um sonho esplêndido, consolador, como se visse nele uma fonte jorrando, inexaurível, puríssima água lustral.

Uma Banda Municipal!

Porque não?

Uma Banda Municipal, vivendo irmanmente com os Bombeiros Municipais, com o Grupo de Escoteiros, com o Grupo Dramático, na Casa-Mãe, a Casa do Povo, que teria uma Biblioteca Municipal e um Campo de Jogos!

Porque não, se tudo isso se pode fazer facilmente e sem grande encargo para o Município?

Que sonho esplêndido, consolador, tão fácil de tornar em realidade!

Trabalhem sem descanso para isso, procurando atingir o fim que Oscar Wilde atribuiu à arte: o de criar estados de alma.

Criemos nesta terra novos estados de alma, dando à alma, na frase de Bacon, não carcereiros, que são os corpos doentes, mas hóspedes que são os corpos sãos.

Et renovávimus faciem terrae. E renovaremos a face da terra. Pelo menos a face da nossa terra.

Pela parte que toca à Revista, ela voltará ao assunto no próximo número, na certeza de que, em breve, em face da realidade, eu poderei escrever: «e vá lá uma pessoa não acreditar em sonhos!»

FESTAS E ROMARIAS

Com Maio, alegre e perfumado, cheio de flores e de luz, inicia-se a época das festas e romarias.

Tinha-as a nossa região antigamente, famosas na pompa litúrgica das celebrações religiosas, nas manifestações impressionantes duma fé profunda das almas agradecidas ou suplicantes.

E, como a fé é duvidosa quando as suas manifestações não são acompanhadas de alegria—até alguém disse um dia que *um santo triste é um triste santo*—as comemorações festivas dos santos eram acompanhadas de folguedos populares que tornaram célebres algumas romarias dos nossos sítios.

Quem há que—tendo chegado à cumeada dos *cincoenta* e começado a descer a encosta escavada e fria da velhice—não recorde com saúde, as festas de outrora?

Quem há, dessa idade, que não constate, com tristeza a falta de alegria, da *sã* alegria de outros tempos, nas festas de hoje?

E, porquê?

Este ponto de interrogação fez erguer-se, em volta de nós toda uma multidão de motivos gritando a resposta a essa pergunta singela.

Não nos sobeja, porém, neste número, o esforço para os expor.

Um dia, êle chegará para isso.

A alegria legítima. É certo que a alegria do povo—e ainda mais, presentemente, a alegria de outras classes que não costumam incluir-se no povo—se manifesta, por vezes, de forma a exigir correctivo.

Mas *isso* não é a alegria. *Isso* é a boçalidade, a animalidade a escoucear, sem respeito pelo que há mais digno dêle.

Demos vigoroso correctivo a *isso* e abramos campo largo por onde a alegria—a alegria verdadeira, legítima, *sã*—volte ao povo. Porque, se é justo corrigir certos desmandos em que se faz descambar a alegria, não é menos justo lutar contra certos aspectos farisaicos da tristeza.

Detenhamo-nos aqui. O resto, nós o iremos dizendo.

Façamos agora ligeira referência às festas que se realizaram ultimamente.

Dia 13 de Abril—(segunda-feira de Páscoa). Festa a S. José nas Matas. Embora o tempo se apresentasse chuvoso, teve animação, tendo os forasteiros, mais uma vez, ocasião de constatar o feitio hospitaleiro daquele povo.

Chamam-lhe a *Festa da Farinheira*. Pensamos que esta designação junta a uma outra da mesma espécie, nos dará um dia motivo para algumas linhas.

Dia 27 de Abril—Pela segunda vez se realizou nesse dia a festa à Cruz erguida, no ano passado, no Cabeço do Vale de Mação. Não foi inferior à do ano passado a concorrência de devotos de Mação e das freguesias limitrofes—sobretudo de Penascoso—ao local, donde se desfruta um belo panorama.

Os fotógrafos trabalharam activamente.

Dia 3 de Maio—Festa do Senhor da Agonia em Amêndoa. E', no concelho, sem dúvida, a festa com mais carácter de romaria.

Sente-se que vive a fé na multidão que enche o templo e nas muitas centenas de devotos, vindos das redondezas e que acompanham Cristo Crucificado em seu andor singelo, marchando gravemente, no cumprimento dos seus votos, de velas acêsas, em duas filas intermináveis.

Os maçaenses concorreram largamente, como sempre, à afamada festa e, como sempre, verificaram a afabilidade dos amindulenses.

Todas estas festividades foram abrilhantadas pela Filarmónica de Mação.

Para o último domingo de Agosto, está marcada a grande festa de Envendos em benefício da Misericórdia que recentemente ali foi criada.

No próximo número publicaremos o programa dos festejos, que estão sendo preparados com grande entusiasmo e dos quais certamente resultará para aquela santa instituição avultada receita.

Fábrica de Cortumes

— DE —

José M. Esteves Coluna

Gerente: CLEMENTE M. ALEIXO

Solas, Cabedais, Carneiras e Capicuas
RIBEIRO DE MAÇÃO